

Boletim

I SÉRIE

29
DE
FEVEREIRO
DE
1948

ANO I N.º 8

PREÇO 2\$00

DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

EDITOR:
ARQ. JERÓNIMO REIS

ADMINISTRADOR:
ARMANDO RIBEIRO

PROPRIEDADE
DA
A. A. E.
(SECÇÃO CULTURAL)

DIRECTOR
HIGINO AUGUSTO PIRES

Redacção e Administração
(PROVISÓRIA)
RUA 11-483
ESPINHO

COMPOSTO E IMPRESSO
TIP. PROGRESSO
— ESPINHO —

PUBLICA-SE MENSALMENTE

X ANIVERSÁRIO

Banquete de Confraternização

No dia 21 de Fevereiro, realizou-se o Banquete da Académica. Não foi muito grande o número de presentes, porque várias circunstâncias, sobretudo a monetária, como disse o Amparo, impediram mais vasta inscrição de sócios. Apesar disso, o jantar decorreu num alegre ambiente e houve animação e discursos. A falta de espaço não nos permite referir-nos extensamente às afirmações feitas. Queremos frisar apenas as seguintes: O nosso Presidente declarou que a Académica aspirava a remodelar ou, ao menos, a influenciar benéficamente todos os sectores da vida espinhense, agora que a sua acção estava a ser reconhecida por todos; o sr. Roberto Fernandes disse do seu prazer de encontrar um grupo de novos que realizavam algo e tinham decisões entusiastas que trariam a Espinho desenvolvimento, e terminou, alvitrando a realização dum almoço anual que reuniria os novos com os velhos, residentes fora da terra natal, num ambiente de camaradagem que faria a reunião do Passado com o Presente; o sr. Vice-Presidente da Câmara Municipal declarou que aos novos se prestaria o mais decidido apoio e era dos novos que os chefes esperavam os sucessores capazes para a continuação da obra de engrandecimento da nossa terra; o sr. Presidente da Comissão Cultural revelou que, embora obscuramente, a Académica preparava o terreno para a larga acção de Cultura e que, para toda ela, se esperavam as facilidades e o auxílio da Câmara. Valaram também os senhores Jerónimo Reis e Lopes Gonçalves, que fizeram afirmações de crença clubista e solidariedade desportiva. Foi numa atmosfera de colaboração, simpatia e juventude, que terminou o jantar da Académica.

EDITORIAL

As Obras de Defesa

UM PONTO DE VISTA

Lemos algures que, segundo a dialéctica de Hegel, se concebe que a ideia de qualquer coisa nasce do contraste mental entre o que a caracteriza e as qualidades contrárias. Donde para se compreender a noção real e positiva dos factos e das ideias é necessário o conhecimento da tese e da antítese. Da colisão da tese com a antítese surge a síntese. E' pois uma síntese, até certo ponto teórica, que vamos dar neste ponto de vista sobre as obras de defesa da vila de Espinho.

Ficaram triste e positivamente confirmadas as justificadas desconfianças dos espinhenses perante a insolução, que ameaça eternizar-se, do problema da defesa da praia. E essa desconfiança esteve sempre viva, embora latente, apesar das públicas palavras pronunciadas anteriormente ao último ataque do mar, por diversas entidades oficiais. Estamos pois convictos que o problema tem maior acuidade e transcendência do que à primeira vista parece, visto o passado com as obras de defesa, antes da recente e animadora interferência da sr. Ministro das Obras Públicas, ser mau de mais para se aceitar como falta de competência, ou interesse dos responsáveis de maior hierarquia. Parece evidente que as palissadas e outras obras de entreter não foram efectuadas com a honestidade que seria de exigir e desejar por parte do empreiteiro. Mas, no que respeita á solução do problema em si, apenas, e logicamente, conhecemos duas hipóteses prováveis. A primeira é que a provada inconstância nos processos usados, nos levam a concluir que se não conhecia ou admitia qualquer espécie de defesa eficiente, ou que se esperava ter acabado o martírio das destruições. E seguimos este raciocínio, não por espírito de defesa de quem quer que seja mas sim porque nos custava aceitar, fôsse embora por simples polidez, que as deficiências na defesa da costa provinham da mediocridade técnica dos engenheiros aos quais foi entregue a gerência e fiscalização do plano das obras. Repugnou-nos aceitar essa mediocridade, e não achamos provável qualquer espécie de desonestidade. Essa repugnância e improbabilidade, alicerçou-se na segurança que o Govêrno da Nação exige dos dinheiros que entrega por subsídios directos, pelo que a ser verificada desonestidade, em vez de incompetência, tudo o que se nos afigura sólido pela interferência do Estado, estaria sujeito a dúvidas o que não pode ser admitido. Prosseguindo, apresentamos a derradeira hipótese. Afigura-se-nos mais coerente a opinião de que a defesa da nossa mártir vila é bastante difícil de executar com os reduzidos meios anteriormente usados, pelo que só com dispêndio de milhares de contos ela será possível, com a segurança que

continua na página 3

MARÉS VIVAS

DESENFREADOS!!

Quem por prazer, por solidariedade social ou por humanitarismo tenha dedicado as poucas horas livres de sôfrega e esgotante luta pela vida a obras de interesse e fins colectivos, acaba sempre esgotado e desiludido. E se o indivíduo é estruturalmente bem formado não se retira sem inquirir de si próprio como são possíveis coisas insanáveis, tremalhos indignos, consciante ou inconscientemente forjados e constatados nas várias organizações de ambiente colectivo. Ora as respostas, por procuradas que sejam, não têm fôrça justificativa perante os acontecimentos execráveis perpetrados nos bastidores das colectividades ou associações beneficentes, bastidores que individualmente existem porque o vício da política imunda não é facilmente varrido da face da terra.

Entendemos que os homens que se dedicam a obras colectivas têm de pensar nos outros, esquecendo-se de si e coordenando as suas opiniões — calando-as se preciso fôr — para servir os fins da colectividade ou associação. Mas não é, infelizmente, o que se verifica geralmente. O que salta aos olhos é a desenfreada luta pela supremacia da opinião individual ou sectária, da posição no "poleiro", da sede de poder sempre condicionada a vaidades tolas e imbecis.

E se estas posições só puderem — como é frequente — ser obtidas com prejuizo da obra construída, nem mesmo esse mal servirá de travão para esta megalômana loucura.

Estas deploráveis verdades aliadas a muitas outras de igual teor, levam-nos a concluir que na vida das organizações colectivas sejam elas de carácter beneficente, assistencial, cultural, recreativo e desportivo há muito quem faça da sua preciosa existência campo aberto para locubrações pútridas, viscosas e enjoativas.

Gino Sérpi

VISADO PELA CENSURA

Carta de Louge

Um destes dias recebi uma carta, que me foi remetida de Angola — dessa, incontestavelmente, portuguesissima Colónia da Nossa Africa Occidental, que, muito embora visitada de relance, tão feiticemente me enleou.

O facto em si, não tem interesse de maior. Mas, se lhes disser que, a acompanhar a respectiva missiva, vinha também um "aviso de recepção" e este, escrito de lés a lés no mais vernáculo francês, então o caso sai da vulgaridade, e merece, até, duro comentário. Na verdade, por mais que se pense, não é fácil justificar tal anomalia, uma vez que as terras de procedência e destino dessa carta — orgulhamente de o afirmar — são o mesmo Portugal, uno e indivisível.

Eterna pecha — velha, muito nosa e muito ridícula, esta espécie de subserviência a todos os galicismos de trazer por casa — subserviência de tal modo alarmante, que, depois dos "mercis", dos "Réveillons" e dos "menus", chega ao ponto de se retratar num mero "aviso de recepção" como se os "Correios e Telégrafos" de Angola não obedecessem ás mesmas leis, que regem iguais serviços no Minho, ou no Algarve. A não ser que se trate de qualquer intercâmbio, apenas conhecido de meia dúzia, pelo qual se obriguem os "Correios" de Madagascar ao uso e abuso em idênticas circunstâncias, do idioma português...

E' muito possível que o facto relatado (e, oxalá, assim seja) tenha qualquer atenuante, como por exemplo, um descuido de momento, um engano, um dos tais "motivos imprevisíveis" que alteram a boa ordem dum programa. Seja como fôr, é necessário emendar o erro, o que aliás, me parece sobremaneira fácil.

Ao fim e ao cabo, eu bem sei de quem a maior culpa: — foi da pessoa amiga, que me escreveu de Angola, e aceitou, talvez impassível, aquele "francês" escrito num "aviso", onde apenas o seu nome, o seu endereço constituem a única nota viva da incontestável Soberania do Portugal d'Aquém no Portugal de Além-Mar!

Sim, meu Amigo distante: — um pouco de patriotismo... não fica mal a ninguém! Para outra vez não colabore em semelhante comédia.

Não sei se já foi exibido, aí em Espinho, o último filme de Ivonne de Carlo — uma bonita mulher, ainda que pouco artista — e que se intitulava sugestivamente, "A Canção de Scheherazade". Pois se ainda não se deu tal acontecimento, previno desde já os meus leitores que tencionem vêr a fita: — aquele pseudo — porto, que se diz ser espanhol, e onde viu dar a corveta russa, que leva a bordo, o famoso Rimsky Korsakoff, nunca foi esbanhol, nem o diabo, mas, simplesmente, o nosso maravilhoso porto do Funchal, digno de mais respeito e de menos abusivas mistificações.

Como não era possível comportar-se, eu solo português, a música eterna d'esse "Capricho Espanhol", tão acentuadamente localizado, vá de se misturar o ver ladeiro nome do

UM POUCO DE BOM HUMOR

OS NOSSOS ARTIGOS CIENTIFICOS

N.º 3

A RÁDIO E A RADIOACTIVIDADE

por DR. VITT HÜSSU

Informação Agrícola — 10 %
Um programa de fados e guitarradas — 80 %
Música Sacra — 10 %

Antigamente o homem era feliz. Levantava-se cedo, caçava ou pescava e de tarde entretinha-se a ver passar as núvens ou a atirar pedras às águas mansas do rio.

Surgiu a telefonia. ... Hoje o homem é infeliz!...

Dum lado está o locutor. Do outro, está o paciente, e a meio, o receptor. O locutor fala, o receptor transmite e o paciente dorme, passa a louco... tor ou então morre.

E' a isto que se chama uma emissão. Aliás, em Portugal, substitue-se com vantagem o termo "emissão" pela de "injecção".

Então, na E. N., as injecções de... ferro, são frequentíssimas.

Uma emissão de rádio pode também ter o nome de radiação. Estas, costumam ser de 4 espécies: radiações alfa, radiações beta; radiações gama e radiações (filhas de pais incógnitos).

No nosso país a rádio emite radiações gama, que nos gamam toda a boa disposição, optimismo e alegria de viver.

Recentemente, cientistas illustres, descobriram a utilização médica da rádio em Portugal, como anestésico de grande poder. Receitada nas proporções abaixo indicadas, substitue o clorofórmio com vantagem:

porto onde decorre a acção, salvando-se, dum modo tão pouco honesto, o que nós chamamos "a honra do Convento"! Mas, quem assim procedeu muito se enganou.

Eis, meus Amigos, a prevenção que desejava fazer-vos; se, porventura ainda fôr a tempo, sinto-me feliz por não vos saber ludibriados.

De resto, aconselho-vos "A Canção de Scheherazade"; se outros motivos de agrado não tivesse, bastaria por si só, toda a música de Rimsky Korsakoff. Que me perdoe, Ivonne de Carlo.

Saias curtas?... Saias compridas?... — eis a questão do momento!

Por todo o mundo, vai acesa a luta entre os que perfilham o estacionamento da saia, por já não ser possível exigir-lhe menos pano, e os que se mostram partidários da sua rápida descida, talvez fartinhos — ai! deles!... — de tanta perna!

No assunto, não meto prego nem estopa. Julgo até, que só ás mulheres deve interessar o problema, uma vez que nunca ligaram grande importância às sentenças dos homens. E, se ligam, é precisamente para fazerem o contrário!

Ainda bem que é o sexo masculino a discutir a evolução das saias. E' que, melhor ou pior, tudo se resolverá, ou esquecerá.

Mas, ai! de nós, se um dia as mulheres se lembram de se meterem nas nossas calças!... E' garantido que somos todos prêsos.

Fugénio Silva Freixo

tudo isto... e a "8.ª Sinfonia de Beethoven em ré maior Opus 37"... também (60-80 %).

Em caso extremo, recomenda-se a "Informação Meteorológica" (100 %).

Em doses mais elevadas, conduz à morte. Uma morte atroz e horrível. O rádio, consta que foi descoberto pelos esposos Curie, que eram uns esposos assáz curio... osos.

E' o rádio um elemento dos chamados "elementos radioactivos". Juntamente com o rádio poderemos citar o polónio, o germânio, o actínio, etc.

Recentemente, um conhecido cientista tentou transmutar o polónio em germânico, mas foi mal sucedido e obteve como resíduo, uma substância estranha, de composição indefinida e de cor acentuadamente ruça.

Ultimamente surgiu uma nova substância radioactiva, radioactivíssima mesma.

E' o Sogrium (So) cujo estudo forneceu os seguintes dados:

Designação popular — "aquelânia Santium".

Peso atómico (em bruto) — Algumas toneladas.

Densidade — um milhão.

Valência — extremamente valente.

Propriedades físicas — Muito tenaz, pouco maleável e com uma dureza superior à do diamante. Brilho gorduroso. Imune à electricidade, serve como isolante. Conduz bem "cada calor" e transmite-o ainda melhor, por contacto... infelizmente.

Como prova disso, basta reparar no meu rádio, que anda ao peito, fenómeno este ocasionado por um dos tais "calores", por sua vez ocasionado por esta inócua observação:

— Rá... dio te parta!..

Sim, porque eu também tenho um sogrium em casa, infelizmente.

Propriedades químicas —

Reage com extraordinária suavidade à prata, ouro, platina e dum modo geral, a todos os metais nobres. Com reacção altamente violenta com o alcool etílico e produz efervescência em contacto com a aguardente. Unida, em determinadas proporções à faia de carvalho (vulgo, rolo da massa), constitue um explosivo altamente perigoso, modernamente empregado em substituição da TNI, nos modernos engenhos de guerra (Vidé, artigo anterior sobre a bomba atómica).

Propriedades radioactivas —

Enquanto o radio, emite radiações alfa, o sogrium emite radiações alva... iade. Com o decorrer do tempo tende a transmutar-se em tijolo, mas geralmente acontece, que primeiro do que "ela" somos nós os transmutados.

Assembleia Geral e Homenagem da Ass. H. dos B. V. Espinhenses

O «Boletim» está atento a vida espinhense e por isso tem a honra de congratular-se com a acção exercida pela Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários Espinhenses. Em poucos anos de existência a sua fôlha de serviços considera-os oradores de gratidão do povo espinhense.

Resultante de acção bem orientada e voluntariosa dos elementos das Associações de Bombeiros locais dos quais é justo salientar os nomes de Pedro Rezende, Saúl Godinho e J. Nascimento, este dos Voluntários de Espinho, criaram e exploraram em colaboração com a Cantina do Socorro Social o «Pavilhão Humanitário» que conseguiu para estas três entidades um lucro líquido de 30 mil escudos.

Em 6 do corrente mês realizou-se a Assembleia Geral para eleição dos Corpos Gerentes cuja lista abaixo se publica. Nesta reunião foi igualmente prestada homenagem a dois dos mais prestigiosos elementos dos B. V. Espinhenses cujos retratos foram descestrados no Salão de Festas: o primeiro e o actual comandante senhores Dr. Alfredo Temudo Côrte Real e Amadeu Morais. Usaram da palavra os senhores Dr. Amadeu Morais, Presidente da Assembleia Geral, e Saúl Godinho, 1.º Secretário da Direcção que enaltecera a personalidade dos homenageados, agradecendo-lhes os magníficos serviços prestados à Corporação. O senhor Saúl Godinho referiu-se ao auxilio facilitado pelo senhor Dr. J. Moreira, Governador Civil do Distrito propondo que, em sinal de reconhecimento pela sua actividade, fôsse considerado Sócio Honorário dos B. V. Espinhenses o que foi aprovado por aclamação.

Foi igualmente eleito por unanimidade, Sócio-Benemérito a firma «Santiago & Oliveira».

Corpos Gerentes para 1948

Assembleia Geral

Presidente, Dr. Amadeu Morais; Vice-Presidente, Dr. Rogério Ramos Pereira; 1.º Secretário, José Braga; 2.º Secretário, João Marquês Carvalhas.

Direcção

Presidente, Pedro Luiz de Rezende; Vice-Presidente, João Carvalhal da Gama Barata; 1.º Secretário, Saúl Godinho; 2.º Secretário, Carlos Jerónimo Fernandes Pereira; Tesoureiro, Henrique Ferreira Cleto; Vice-Tesoureiro, Ernesto Ferrira d'Oliveira.

Conselho Fiscal

Presidente, Luiz Francisco Duarte; Secretário, Joaquim Soares Silva; Relator, Armando Ferreira Barros.

Substitutos

Presidente, António de Sousa Couto; Secretário, Bartolomeu Sá Couto; Relator, Francisco Gomes de Castro.

Pelo menos, é o que succede a quem, como eu, tem um "castro" de "sogrimo nurasténime"; mulher, gato, cão, 2 filhas em idade de casar... e um aparelho de telefonia também.



Nota final

E' chegada a altura de terminar esta série de artigos dedicada à vida simples do campo e à posição do homem perante a Natureza.

Não é a falta de assunto que me impõe o fim destas impressões sugeridas por um meio onde o artifício cede ao natural. E' a consciência de ter mostrado o suficiente para iluminar um caminho desconhecido para o homem que arrebatado pelo turbilhão da vida moderna, se esquece de viver.

Para tal fim, servi-me das reacções que se operam quando deparamos com um novo mundo exuberante de beleza. E, sem esquecer a realidade com as responsabilidades inerentes, lembremo-nos dos versos de Eugénio de Castro.

Homem, que fazes tu? Para quê tanta lida,
Tão doidas ambições, tanto ódio e tanta
(ameaça?)
Procuremos sòmente a beleza, que a vida
E' um punhado infantil de areia ressequida,
Um som de água ou de bronze e uma sombra
(que passa ...)

E porque foi esta a minha intenção não poderão acusar-me de ter versado um assunto de interesse reduzido. Se me servi do Campismo, como termo e modo, para atingir o que desejava, sempre o usei como um meio e nunca como fim. De resto, se o pretendesse como fim, não terminaria já esta série, porque a entrar na sua parte técnica, teríamos assunto para muito tempo.

Aqueles que não gostaram do relêvo poético dado aos encontros do homem com a Natureza e demonstram que no seio daquela nem tudo é belo e poético, lembro que adentro do horrível existe beleza e a poesia é algo de mais profundo que o lirismo delambido inspirado pela Primavera a muitos trovadores que para aí abundam, e deve, tem de estar sempre a nosso lado, fazendo esquecer a condição da existência sempre igual que nos marcaram. Já pensaram no que seria a vida dos oprimidos, dos descontentes, dos falhados, dos pobres das riquezas dêste mundo, de todos nós, sem a Poesia a servir de lenitivo e a dar coragem para a esperança?

Para finalizar, espero que não esqueçam a Natureza tão pródiga para os que a compreendem e amam.

Devido à falta de espaço, não nos é possível dar publicação a vários originais, que se encontram retidos na redacção, o que faremos no próximo número

Lêde, assinai e propagai

BOLETIM

Talvez seja verdade...

QUE o "Crime da Rua 4" parece uma brincadeira de "policías e ladrões"...

QUE a clarividência dos 10.000 e pico habitantes de Espinho, está concentrada numa escassa meia dúzia, que formam uma espécie de "Conselho Consultivo Permanente", de diagnóstico infalível...

QUE apesar da "auto-capacidade" desgraçados serão aqueles que lhes passem pelas trazeiras pois é igualmente permanente o perigo de coice...

QUE a Associação de Patinagem do Norte vai perder o concurso de Manuel Maria Lopes Gonçalves...

QUE Abel Santiago vai regressar ao Norte no próximo mês de Março...

QUE o Hilário só quer treinar juniores...

QUE no seio da secção de hóquei em patins há "intelecto" e "técnica" a mais e noção das realidades a menos...

QUE o sr. J. de F. articulista das "Notas Portuenses" na "Defesa de Espinho", chama feliz ao sr. Armando Miranda, realizador de Capas Negras...

QUE o termo "feliz" deveria ter sido especificado para evitar confusões...

QUE o cronista desportivo de "Defesa de Espinho" tem a mania de liquidar o sr. J. Moreira da Costa J.º, visto que o "Pai" do S. C. de Espinho ainda era o Presidente responsável na ocasião em que prestou ao clube o inestimável serviço de conseguir um subsídio de 12 contos para levantamento do muro derrubado pelos temp rais...

QUE a Ass. Académica de Espinho está a subir de categoria na modalidade de basquetebol...

QUE o Arq.º Sérgio Gonçalves é um encestador perito em lançamentos de efeito...

QUE no banquete de confraternização dos associados da Associação A. de Espinho, incluído no programa comemorativo do seu X Aniversário, se fizeram muitas afirmações de vitalidade e fé clubista e outras de "puro snobismo"...

QUE os caçadores andam satisfeitos com o boato corrente — a isenção da vacina...

QUE a bomba atómica sendo bem vigiada não produz os resultados desejados e tão apregoados — 127 kilos num só elemento da linha dianteira do grupo de basket-ball do Portuense Desporto (será muita coisa)...

QUE o Carnaval passou à história...

QUE os bailes efectuados nos B. V. Espinhenses foram os únicos onde imperou verdadeira animação e alegria...

QUE o Saul Godinho é mais do que bom... é bombeiro.

QUE as prendas distribuídas nos bailes dos B. V. Espinhenses eram de se lhes tirar o chapéu...

QUE para evitar a perda dos exemplares do "Boletim" nos escaninhos da estação local dos C. T. T. vai a administração do nosso jornal propor o pagamento de uma taxa suplementar (!!)...

QUE é ridículo ser necessário chamar a atenção dos C. T. T. para os deveres que tem a cumprir...

QUE a virtuose do desporto espinhense — vulgo Lopez — vai abandonar a prática desportiva...

AS OBRAS DE DEFESA

Continuação da pág. 1

todos nós desejamos. Assim o problema n.º 1 de Espinho, estamos convictos, só pode solucionar-se se, além de muralhas falsas ou vulgares, se continuar o embrionário plano Von Haffe, de modo a aproximar o processo de defesa da nossa costa, com o plano de construção do porto de Leixões — processo de esporões — e coroando a obra com pequeno porto de pesca, que asseguraria um rendimento que talvez justificasse o empreendimento. Resta saber se os técnicos, consultados pelo Governo e por S. Ex.ª o sr. Ministro das Obras Públicas, responderam ser êsse o processo conveniente e único capaz, ou se pura e simplesmente não encontram na grandiosidade das despesas a efectuar, plena justificação, esquecendo o valor do que se pretende defender e servir — a vila de Espinho, estância de turismo com categoria internacional.

Atenta a disposição do Governo em proceder ao apetrechamento e melhoramento geral do País, e verificada a boa vontade do sr. Eng.º Frederico Ulrich, será realmente pena que o ritmo agora verificado nas obras de defesa se quede nesta fase, pensamos ser a 1.ª de plano geral, por falta de continuidade, ou na esperança illusória de que o mar seja, no futuro, um lago imenso de quietitude. E se assim suceder, o que não se espera, além da obra incompleta, poderia em síntese afirmar-se que se votara ao ostracismo uma terra que é tão portuguesa como as restantes terras portuguesas.

DESPORTO

Continuação da pág. 5

mo-nos à importância de que se revestirá êste jogo e ao que representa para cada um dos contendores. Novo ano na mais baixa das Divisões ou mais uma etapa para alcançarmos a Divisão de Honra serão as consequências, de uma derrota ou de uma vitória.

Fazemos a seguir uma resenha do que foi a actividade dos nossos jogadores durante o campeonato.

Académica, 5

Sporting C. da Cruz, 4

Mário Valente — 3 V

Carlos Gaioso — 1 V e 2 D

Dr. Virgínio Pereira — 1 V e 2 D

Ferro e Aço, 5

Académica, 4

Silvio Silva — 2 V e 1 D

Carlos Gaioso — 2 V e 1 D

Anibal Lacerda — 3 D

Académica, 5

Futebol C. de Gaia, 0

O F. C. de Gaia não compareceu.

Sporting C. da Cruz, 1

Académica, 5

Silvio Silva — 2 V

Jerónimo Reis — 2 V

Dr. Virgínio Pereira — 1 V e 1 D

Académica, 5

Ferro e Aço, 3

Carlos Gaioso — 2 V e 1 D

Mário Valente — 2 V e 1 D

Silvio Silva — 1 V e 1 D

Foot-Ball C. de Gaia, 4

Académica, 5

Silvio Silva — 3 V

Jerónimo Reis — 2 V e 1 D

Alberto Vita — 3 D

*

*

Os encontros com o Gaia não vão mencionados pela ordem por que se realizaram, mas sim pela indicada por sorteio.

Em 2.ª categoria vencemos também o campeonato, tendo sido suficiente para isso que tivessemos jogadores inscritos. Os nossos adversários desistiram...

Taça "X Aniversário"

Integrado no programa comemorativo do aniversário do nosso Clube, realizou-se um jogo da taça "X Aniversário" oferecida pelo jogador Silvio Silva. Foi nossa adversária a equipa do Foot-Ball Club de Gaia a quem Silvio Silva, Carlos Gaioso e Mário Valente venceram por 5-1.

Saia a saia!

Continuação da pág. 8

mais inconstante no amor espiritual; que seja mais saudável, mas não devendo-o à saia curta e ao passo marcial; e nego que seja melhor consoladora e alforre de energias para o nosso espírito, e que seja mais espiritualista mercê duma instrução vasta mas toda enveredada num sentido utilitarista e técnico. A guiar-nos por êsses conceitos sobre a moral, o útil, o prático e a beleza feminina, eu voto pela Mulher passeando nas ruas (caso o clima o permita) só com meias e sandálias, ostentando, sobre a nudez, forte de Verdade, um manto diáfano... de fantasia...

E ponho ponto final na questão.

Florentino Goulart Nogueira

VÉNIAS E IRREVERÊNCIAS

O sr. Governador Civil é
Bom Amigo de Espinho

Por força da infelicidade das invasões do mar tivemos ensejo de verificar que o sr. Governador Civil do Distrito não procurou apenas cumprir os deveres do seu alto cargo, mas sim manifestou vivamente pelo problema da defesa desusado interesse. E' pois gratamente que não pomos dúvida alguma em qualificá-lo como "Amigo de Espinho". Em nome da juventude espinhense da Ass. Académica de Espinho, cabe aqui o nosso agradecimento ao sr. Dr. João Moreira.

A "Rádio Porto" e o seu

programa Cultural "Poliedro"

Por feliz acaso, ouvimos no passado dia 15 do corrente o programa em referência que é transmitido quinzenalmente na "Rádio Porto". Não conhecemos o seu autor nem qualquer dos colaboradores do programa. E' no entanto com a maior satisfação que lhes rendemos as nossas homenagens, pois tais emissões são valioso contributo para melhorar a cultura dos portugueses. Aconselhamos pois todos os nossos leitores a ouvirem o programa citado onde colherão bom lote de conhecimentos culturais.

A nova Direcção do

Académico F. Clube (Porto)

Depois de variadas tentativas que resultaram infrutíferas, a família académista conseguiu completar a lista dos seus Corpos Gerentes para 1948, elegendo para Presidente da Direcção o nosso amigo Dr. Alberto Martins. Atendendo a que o simpático clube portuense não vive os seus melhores dias, basta o facto do citado desportista aceitar a candidatura, após tantas recusas, para lhe ser rendida homenagem. E' certo e corrente que — como em todos os clubes — o eleito não tem a simpatia de todos os sectores. Mas é também certo que a atender à opinião das várias secções de opinião clubista os Presidentes seriam muito numerosos o que iria contrariar os Estatutos.

Deixemos porém o jocoso para os Gaivotas e felicitemos o Dr. Alberto Martins e todos os seus colegas, formulando votos de prosperidade para o Académico F. Clube.

Por este simples exemplo se vê qual a influência educativa que o Cinema tem no público, que muitas vezes não ocorre como mereciam certos bem intencionados.

Z.



Os "Euclides" vão ficar na história de Espinho

Embora pareça à primeira vista que se trata de um novo grupo onomástico ou coisa semelhante, não é de tal que se vai tratar. De resto para se ficar na história é preciso justificar essa inserção, quer seja por virtude ou por defeito. E, como por força do martírio das invasões do mar o nó gordio n.º 1 (o n.º 2 é o do problema das linhas do C. F.) é a solução da defesa da vila, espinhense, para se ficar na história, já longa das obras de defesa. Assim, e por virtude da "abanadela" mestra do sr. Ministro das Obras Públicas, que terminou com algumas "histórias", os "Euclides" vão pertencer à era da esperança como marcos vivos das novas disposições. E' provável que alguns leitores tenham já descortinado que os "Euclides" são aqueles enormes caminhões de feio aspecto mas de bela presença útil, que, de chaminé e apito pouco vulgares, vemos agora amiudadas vezes nas proximidades das obras de emergência. Passou a hora dos enfezados carrinhos de mão que produziam raquíticas obras de defesa, desfeitas, sem custo, aos primeiros assonhos de mau humor do imenso Atlântico. De ora avante o ritmo das obras de defesa vai ser, certamente, caracterizado pela enorme diferença que se verifica entre os negregados carrinhos de mão e os possantes — que bem nos soa a palavra possante — "Euclides" que tardaram em chegar, mas que podem ter ainda chegado a tempo.

Os serviços dos C. T. T. e a distribuição do "Boletim"

O nosso jornal que nasceu e vive mercê do irgente esforço e boa vontade de muitos, está a ser extraordinariamente prejudicado pela irregularíssima entrega aos assinantes. São numerosas e verdadeiras as queixas de vários assinantes, que aborrecidos — e com

razão — nos provam o que infelizmente o público conhece. Como é possível que um serviço público de tão magna importância continue, em Espinho, nas condições de incerteza que os tempos da malaposta plenamente justificaram? No verão, será porque o pessoal não chega para o expediente sensivelmente aumentado, mas no inverno porque será?

O que se tem passado com a entrega do "Boletim" ultrapassa tudo quanto possa servir de atenuante ou explicação. Chama-se pois a atenção do chefe da estação local para estas anomalias que urge serem resolvidas, pois o público não tem que solicitar favores a quem lhe deve obrigações de interesse público.

Os Bombeiros V. espinhenses em "subida de forma"

Mercê da persistência de um punhado de bons espinhenses, a Associação H. dos Bombeiros Voluntários Espinhenses, está a subir de forma. E, caso curioso, o sucedido com esta associação humanitária tem linhas paralelas com a vida difícil da Ass. Académica de Espinho, antes da sua completa maturidade. Ambas as colectividades deram motivo a indiferença injusta do grande público que nem sempre as soube acarinhá-las; ambas as colectividades, surgiram, de um momento para o outro, prefeitamente integradas no seu papel de associações com "pêso" na vida de Espinho; ambas as agremiações estiveram à beira da extinção por desinteresse daqueles a quem pretende servir; ambas as instituições são um testemunho indelével de quanto pode a vontade, o sacerdotício por uma obra, quando existem homens de vontade ferrea e lucidez de espírito e consciência. E' — nos grato verificar a actual posição dos B. V. Espinhenses, que também como nós, nem sempre agradou aos jornalistas locais.

A "caravana passou" para ambos, hoje até os descrentes ou pretensos de destruidores nos traçam elogios mais ou menos entusiastas.

Varius

X ANIVERSÁRIO

AMPARO SANTIAGO

Para despedida da prática de Oquei em Patins, de Amparo Santiago, realiza-se no dia 28 de Março no Rink de Patinagem de Espinho um festival desportivo com a colaboração dos melhores grupos da modalidade.

ECOS DO CARNAVAL

NOS BOMBEIROS V. ESPINHENSES

Da Direcção desta Associação, recebemos um «Livre-Trânsito» para os bailes de Carnaval, gentileza que agradecemos.



A lição do Cinema

Está mais que comprovado que o Cinema é um dos mais divulgados — senão o mais divulgado — entretenimento do século. Mas, além de ser um entretenimento, o Cinema tem um papel cultural e educativo que nem todos compreendem.

Para compreender este papel devemos olhar para a boa ou má influência que os filmes podem exercer sobre o espírito de quem os vê — e sabe-se que o público é bastante influenciável pelos argumentos e pela maneira como eles são contados.

Vamos tomar como exemplo o caso de dois filmes recentemente corridos na tela do Teatro S. Pedro; são as películas "Do céu caiu uma estrela" e "Capas negras".

A lição que se colhe da primeira destas fitas é grande, profunda e dada por um mestre — Frank Capra. Conta-nos a história dum homem honesto que, para auxiliar o seu semelhante, tem que desistir de todos os seus planos e transformar as suas ilusões em desilusões; por fim é recompensado, mas quando a sua vida já estava destruída. No filme aparece um cínico que nunca é castigado — tal e qual como na vida, aliás como todo o filme.

Ti a-se uma sã lição desta história, que ensina a ver a vida como ela de facto é, e não como nós desejamos que ela seja. O público notou a realidade do caso e não acorreu ao Teatro como se deveria esperar.

Qual a razão por que ele lá não foi? . . .

Talvez porque existem filmes como "Capas Negras" . . .

Disseram, acerca desta fita, que tinha duas coisas aproveitáveis: a música e o intervalo . . .

Qual a lição — má lição — que pode tirar-se desta película? Que os crimes mais hediondos podem ser perdoados, bastando para tal que o Juiz do Tribunal tenha predilecções musicais conhecidas, e que o Advogado defensor tenha substituído o curso de Direito pelo do Conservatório de Música! . . . E' claro que isto não é a realidade — nem podia ser . . .

O público que viu a fita dividiu-se em duas facções: os que gostaram muito e os que detestaram.

Os primeiros vivem a sonhar e não vêm — ou não querem ver — a realidade; os outros acharam aquilo tudo mistificação. . . Principalmente os estudantes de Coimbra sentiram-se lesados no seu orgulho, pois não há direito que se generalizem aqueles casos patológicos.

O contraste destas duas fitas mostra, ainda, os bons e os maus intentos dos produtores respectivos.

PELO DESPORTO

ENTRADA EM CAMPO

ESPINHO E O DESPORTO

Se alguém, consciencioso e honesto, fôsse encarregado de classificar os mais animados centros desportivos do País, exceptuando Lisboa e Porto, Espinho teria, por direito próprio, lugar de destaque.

É difícil encontrar entre a maioria das vilas e cidades portuguesas uma tão intensa vida desportiva como em Espinho. Poucos são os domingos em que não há atletas dos dois clubes locais em actividade, em casa ou fora, disputando jogos oficiais ou particulares. É o Sporting com o futebol, o voleibol, a ginástica e a incipiente secção de natação. É a Académica com o voleibol, o basquete, o quei em campo e em patins, e o ping-pong.

Recentemente vieram para Espinho quatro campeonatos regionais (em categorias de honra e reservas), simetricamente divididos pelo Sporting e pela Académica. Aquele classificou-se em primeiro lugar nos torneios distritais de futebol; a Académica, depois de ter estado afastada da modalidade, venceu os Campeonatos do Porto (II Divisão) em ping-pong.

Enquanto se preparam para a próxima época de voleibol o Sporting e a Académica vão participar nas "poules" finais dos Campeonatos Aveirenses, respectivamente de futebol e basquete, o primeiro em juniores.

No quei patinado a Académica permanece no grupo dos três grandes do Norte e pode aspirar a melhor lugar desde que sejam eliminadas certas deficiências, provenientes mais da formação moral dos atletas do que da sua forma física e apuro técnico.

Os jogadores de quei em campo, que tam boas lições de clubismo e persistência têm dado, adquiriram já relativa consistência técnica e tática que lhes permite fazer a vida cara aos adversários, batendo mesmo o pé aos melhores do Torneio, como há pouco sucedeu com a vitória sobre o Leixões.

Diante de tal actividade temos que reconhecer em Espinho um dos maiores centros desportivos de Portugal e mais se poderá desenvolver logo que os dirigentes desportivos locais possam contar com um decidido e efectivo apoio moral e material das autoridades.

P. M.

Futebol

INTROITO

Ao ser convidado pela Direcção do "Boletim da A. A. E." para escrever acerca de futebol, vi-me obrigado a aceitar não só por espirito de cooperação mas também pela forma amável como o convite me foi dirigido.

Quero, nestas breves linhas, vinca que tudo o que aqui fôr dito são o inícios pessoais sem quaisquer influências de outros ou interesses clubistas, emitidas com a máxima imparcialidade. É certo, portanto, que terei que desagradar a alguns mas isso, como costuma dizer-se, são ossos do officio.

Anibal Lacerda

Acaba o Sporting de Espinho de conquistar mais um Campeonato Regional que a acrescentar ao Palmarés já existente vem confirmar o inofismável valor do futebol espinhense no distrito. Esta prova foi concluída, não sem dificuldade, perante outros clubes, velhos rivais, que também deejavam chamar a si os louros da Vitória.

Foi todavia o agrupamento local aquele que, no decorrer das diversas jornadas, mais homogeneidade demonstrou e melhor

futebol praticou, consentindo apenas duas derrotas, ambas infligidas pela Ovarense. A primeira, no campo do adversário, foi sem dúvida a mais expressiva embora possa dizer-se que, se os espinhenses tivessem vencido, não mereceriam do triunfo. Este jogo foi efectuado de baixo de uma chuva forte e abundante, em benefício dos adversários, mais corpulentos e, por isso adaptando-se melhor ao estado do terreno, completamente encharcado. O próprio resultado de 1-0 com que terminou a partida é a expressão mais verdadeira do seu equilíbrio. No segundo jogo, os locais entraram em campo com o título já assegurado pois que o resultado da partida que iam disputar não teria já qualquer influência na classificação geral. Esta circunstância, no entanto, não justifica o desinteresse demonstrado pela ausência de certos titulares, porque acima de tudo está o brío e a honra do clube; todavia era necessário que todos os atletas estivessem a postos para a chamada final que se segue nas eliminatórias do Campeonato Nacional da III Divisão.

Contra os restantes agrupamentos o Sporting de Espinho conseguiu beneficiar de vitórias, quer em casa, quer no próprio campo dos adversários o que não é proesa fácil nem ao alcance de qualquer onze.

Em Aveiro os nossos representantes conseguiram, não sem

dificuldades, uma vitória por 4-3. Depois de os espinhenses terem conseguido, na primeira parte um avanço de três bolas (4-1), os aveirenses, na segunda parte, conseguiram reduzir o resultado para a diferença mínima, fazendo todos os possíveis para conquistar o empate, apoiados pelo seu público. No entanto o Sporting de Espinho não deixou alterar o resultado, remetendo-se a uma defesa cerrada. Na partida realizada no Campo da Avenida, os donos da casa não conseguiram ir além de um vitória pela tangente: 1-0. Os locais, neste jogo, só na segunda parte tiveram a calma suficiente para opor aos aveirenses o padrão de jogo que mais lhes convinha: passes e bola raze. Foi esta, sem dúvida, uma das partidas mais violentas de todo o Campeonato para o que muito contribuiu a má arbitragem do Sr. Augusto Pacheco. Alguns dos jogadores excederam-se em atitudes anti-desportivas que ocasionaram expulsões com consequências pouco benéficas, como se sentiu nos jogos imediatos.

Nos restantes jogos os nossos representantes tiveram a tarefa bastante facilitada em virtude dos restantes adversários, Lourosa e Alba, estreantes nesta competição, e o União de Lamas em nítida baixa de forma, não terem oferecido resistência de vulto.

Antes de terminar esta resenha quero frisar que a assistência se tem portado incorretamente. Que se acarinhe e incite o nosso clube é o dever de todo o bom sócio mas isto em nada implica que se menospreze os visitantes porque amanhã seremos nós que ocuparemos o seu papel.

Anibal Lacerda

Basquetebol

Não obstante as dificuldades de toda a ordem, próprias de uma modalidade desportiva pouco popularizada, o basquetebol vai, ainda que lentamente desenvolvendo-se em Espinho.

A atestar tal desenvolvimento, a nítida subida de forma, patenteada pela equipe de honra nos jogos do torneio regional de Aveiro, cujo relato é feito mais abaixo; e o valor da esperancosa equipe de Júniores, reconhecido até por pessoas estranhas ao Clube e a Espinho; o aumento de praticantes da modalidade, ansiosos por serem mestres no basquetebol; o maior número de entusiastas, que emolduram o nosso campo de jogos.

Todos estes factos são bastante significativos: auguram-nos que o basquetebol será num futuro próximo tão popular como o são o futebol e o quei patinado, actualmente em Espinho.

Para apuramento do vencedor da Zona Norte disputaram-se dois encontros entre a Associação Académica de Espinho e a União Desportiva Oliveirense, tendo por caprichos do sorteio o primeiro encontro sido realizado em Oliveira de Azemeis.

Assim, no passado dia 1 do corrente e perante uma enchente record, efectuou-se no Estádio Carlos Osório o primeiro encontro que terminou com a vitória do grupo espinhense pela tangente, 20-19 com 11-12 ao intervalo.

O resultado não traduz fielmente o desenrolar do encontro porquanto a Associação Académica de Espinho, fazendo alarde de uma exibição técnica superior ao adversário, não pode superar o entusiasmo por este posto na luta e sorte de que se fez acompanhar.

A Académica alinhou: Rocha, Hernani, Sérgio (10), N N (2), Jorge Horta (8), Veiga e Lopes.

2.º encontro efectuado em Espinho em 8 do corrente

Para este encontro, e decisivo para o apuramento do vencedor da Zona Norte, alcançou a Associação Académica a sua segunda vitória, o que lhe valeu ser o representante da respectiva Zona na "poule" final.

O encontro realizado no Rink de Patinagem teve larga assistência a presenciá-lo, mas tecnicamente nada valeu, por que o representativo espinhense não conseguiu sair da mediocridade, não nos brindando assim com a exibição feita anteriormente.

Foi a seguinte a sua constituição: Rocha, Hernani (2), Jorge Horta (8), Sérgio (9), Veiga (2), Lopes, Gonçalves e Serralva (2).

Deve destacar-se a exibição de Rocha, Horta e Sérgio.

Das arbitragem só nos agradeceu a feita em Espinho.

Ping-Pong

A Associação Académica de Espinho venceu o Campeonato Portuense da II Divisão.

Com todo o brilhantismo, acaba a Associação Académica de conquistar, pela 2.ª vez, um Campeonato Regional Portuense, sendo, de ambas as vezes, por intermédio dos seus "pin-pongistas."

Verificada a tendência dos praticantes para a conquista de campeonatos — e que essa tendência se mantenha! — seria muito para lamentar que o gôsto pelo ténis de mesa que se está a verificar — não só por parte dos jogadores mas também dos que jogam para aprender ou passar o tempo — viesse a diminuir ou a desaparecer.

Pela parte que toca à Direcção da Académica, nenhuma oportunidade de manter este entusiasmo será despresada. Jogos amigáveis com equipas da I Divisão e torneios inter-sócios, o primeiro dos quais, possivelmente, na Páscoa, ajudarão os actuais jogadores a manter a forma, dando ao mesmo tempo, aso a que novos valores possam vir a evidenciar-se.

Possivelmente ainda este mês teremos que disputar o jogo da passagem à 1.ª Divisão com o último classificado desta.

Desnecessário se torna referir-

Continua na pág. 3



Direcção de: Florantino Goulart Nogueira

INICIAÇÃO À PINTURA

I

A PINTURA E OS SEUS GÊNEROS

por Lopo Goulart Nogueira

A Pintura é uma tradução visual, a duas dimensões, quer dizer: em superfície, das realidades objectivas ou das realidades subjectivas com formas objectivas. Isto é: pode-se pintar o que vemos; e também se pode pintar o que não vemos e apenas sentimos ou imaginamos, mas tem de se lhe dar uma forma, uma tradução, uma representação visível.

Todo o Artista conhece pe'a emoção. Além disso, porém, todo o Artista tem um conhecimento sensitivo (mesmo o Literato). O Pintor conhece com a vista. Ora o conhecimento visual é apenas em superfície. A criança que começa a caminhar, mesmo que olhe para um degrau, continua caminhando no mesmo plano, porque não possui a noção dos volumes e, portanto, ignora os desníveis. É idêntico o procedimento do Pintor: só conhece os volumes segundo a sua aparência superficial. Aqui aparece, nitidamente, a diferença entre a Pintura e a Escultura (duas Artes Plásticas). Aquela baseia-se, principalmente, na vista; esta baseia-se, principalmente, no tacto. Um cego conseguiria ser Escultor; Pintor, nunca.

Para o Pintor, por consequência, as formas, o mundo, existem segundo linhas e cores (nestas incluímos quantidades de luz ou espessuras de cor). Os volumes representam-se tal como nos surgem à vista: desenhados por certas linhas e beijados, conforme as suas formas e posições, por determinadas quantidades de luz. Este desenho ou posição, tamanho e forma das linhas dos objectos chama-se perspectiva. A tradução da corporeidade, isto é, da densidade dos objectos chama-se jogos de luz e de sombra.

A Pintura, portanto, deforma a total realidade objectiva, por uma restrição interpretativa: é a interpretação ou o conhecimento visual da realidade. O Pintor não representa as coisas como são, mas sim como vê. Donde concluímos que o mesmo objecto pode ser traduzido pelo mesmo Pintor, segundo a mesma técnica, sem interpretações subjectivas, — e por modos diferentes: conforme a luz, o lugar do observador, etc.

O Pintor é um Artista. E Artista é o que exprime as realidades profundas atingidas pela emoção. Obra de Arte é, pois, expressão das conquistas emotivas; e todos os meios, em todos os gêneros de Arte, se destinam a falar, o melhor possível, da revelação emotiva que baixou ao Artista. Na Pintura (como nas outras Artes), procuramos, antes de tudo, a compreensão do quadro e aquela impressão de Beleza que nos prende, nos arrebatava, nos desencarna, nos emociona. Depois, procuraremos achar as causas que impediram a nossa emoção de ser mais viva, a nossa identificação com a alma do Artista e com a alma do mundo de ser mais íntima. Iremos analisar a perfeição com que o Pintor traduziu o sentimento, a técnica de cada pormenor e de todo o conjunto. Para isso, precisamos de conhecer os rudimentos da Pintura. Tentemo-lo.

Os principais gêneros de Pintura são: o Frêscó, a Têmpera, a Aguarela, o Pastel, o Óleo e a Encáustica.

Frêscó — Sobre uma superfície de areia e cal, vai-se estendendo, à medida que se vai pintando, uma capa de cal e de areia mais fina. As tintas, moidas em água, só se misturam bem no reboco, enquanto este está frêscó; mas, se a cal as fixa com extraordinária facilidade, enquanto húmido, logo que seca é inútil tentar dar-lhe nova cor que viria a cair.

Têmpera — Actualmente, é menos usada. Sobre um tabuado, estendia-se gesso e cola, diminuindo progressivamente a cola. Dourava-se o fundo e executava-se a pintura, sem óleo nem resina, com tintas desfeitas em goma ou clara de ovo. Esta seca com grande rapidez, o que torna difícil o processo de têmpera.

Aguarela e Guache — A aguarela é uma pintura, sobre papel (às vezes, sobre tela), de tintas misturadas com água e goma arábica. O branco está ausente desta técnica, pois a sua luz é constituída, essencialmente, pelo papel. Caracteriza-se certa fluidez. O guache, cujo material é mistura de tintas com mel e goma, difere da aguarela, principalmente por nele se usarem as cores como no óleo.

Pastel — Sobre papel arrugado ou afelpado, pinta-se com lápis macio de cores diversas e de várias tonalidades.

Óleo — É o processo mais usado e o mais fácil. As tintas, em pó, misturam-se com óleo (de amêndoa, de linho, de nozes, etc.) e distribuem-se sobre madeira, couro, tela de linho ou cânhamo, etc. Costuma-se envernizar estes quadros, mas é conveniente fazê-lo quando o óleo estiver completamente evaporado, o que só acontece após alguns anos.

Encáustica — Com espátulas quentes, estendiam-se, sobre uma tábuca ou pano grosso, misturas de cores com cera derretida. Agora, porém, dissolvem-se em amoníaco as cêras coloridas com as quais se pinta, e o amoníaco, evapora-se, deixa a cera unir-se ao pano.

Estes são os principais gêneros de Pintura.

Em próximo artigo, escreveremos acerca de *Côres, Luz e Composição*.

Lopo Goulart Nogueira

Noite de Inverno

Eu amo tanto as noites inverniais,
Com o vento a zumbir sobre os telhados,
Em concertos terríveis, tresloucados,
Como risos de monstros inferniais...!

Amo os raios, os trovões, os lamaçais,
De que somos os frutos desejados;
A chuva sobre os vidros que, molhados,
Dão figuras estranhas, irreais.

Nas frinchas dum casebre envelhecido,
Assobiando ligeiro, enraivecido,
O vento passa e eu amo o turbilhão,
Porque êle é semelhante à minha mente,
Onde nascem ideas, de repente,
Que deixam ficar triste o coração!

Emílio Machado

INICIAÇÃO AO TEATRO

O QUE É TEATRO

por Florantino Goulart Nogueira

O Teatro é um gênero artístico onde a acção ou a história são representadas por pessoas vivas. Na Literatura, apenas se escreve o que as personagens fazem ou dizem. No Cinema, fotografam-se os cenários e as acções representadas por personagens vivos. No Teatro, os próprios personagens dizem ou fazem. Na Literatura, o fulcro é a maneira literária, a tradução da emoção em palavras, a construção inteligente; no Cinema, o fulcro é cenário, o quadro, a fotografia, para onde se dirigem os importantes vigamentos da história e da interpretação; no Teatro, o fulcro é a interpretação, a tradução mímica e verbal (tom de voz e sua expressão) das palavras — símbolo (símbolos de ideias), fulcro onde incidem os importantes vigamentos da história e da encenação. Poderíamos, ainda, definir Literatura como história escrita, Cinema como história fotografada e Teatro como história vivida (num fingimento artístico).

Durante muito tempo, o Teatro esteve sujeito às três unidades estabelecidas por Aristóteles: de acção, de lugar e de tempo. Actualmente, já nos afastamos um pouco deste rigorismo, e, afinal, tais unidades dispensam-se perfeitamente.

O Teatro é um espectáculo: tendo como principais elementos, a obra literária com as suas virtudes espectaculares, a interpretação e a encenação.

Dissemos que os actores com a sua interpretação constituíam o fulcro do Teatro. Logo, a encenação e a obra literária — como também já dissemos — existem funcionalmente com a representação. Isto é: a obra literária vale, como Teatro, tanto quanto valer representada; e a encenação vale tanto quanto ajudar a representação e lhe criar o ambiente necessário. Há obras que ficam completas depois da sua realização literária; outras só vão completar-se, para além da sua expressão em Literatura, com a sua expressões espectacular e, no Teatro, com a sua expressão interpretativa por personagens vivas. O autor teatral, ao escrever uma peça, está a ver a sua representação num palco, dita e feita por actores, com uma encenação. Por isso, a obra teatral não é produto, apenas, do autor literário, mas também do encenador e dos actores. Por isso, também, o actor está condicionado pelas possibilidades teatrais, pela teatralidade da sua criação. A vantagem que conserva é a de fazer a sua peça unicamente para o palco, quer dizer, para ser representada por actores e encenação e nunca por determinados actores e determinada encenação. Estes é que têm de procurar descobrir a intenção e a tonalidade emotiva do autor, para situar-se dentro delas.

E assim definimos, melhor ou pior, o que entendemos por Teatro.

A seguir: «Os principais elementos do Teatro»

SOLCRIS

...é um store

ARMAZEM DE MERCEARIAS

Cereais — Toucinho
Gorduras — Sabões

Aires & Magalhães, L.da

605 — RUA 22 — 609
(Em frente aos novos Paços do Concelho)

Telefone 342
ESPINHO

Agrupamento Comercial e Industrial, L.da

FÁBRICA DE ESPELHOS

BISELAGEM
ESPELHAÇÃO
FOSCAGEM
Gravura artística
em vidro



CRISTAL
EM CHAPA

Vidro impresso
em todas as cores

Telegramas: ACIL

Telefone, 75

FÁBRICA E ESCRITÓRIO: **OVAR** LARGO 1.º DE DEZEMBRO

DUARTE & C.

— Armazenistas de Mercaria —
Rua 19 - ESPINHO

SECÇÕES DE VENDA A PÚBLICO:

Mercearia Porto **ESPINHO**

Rua doadores, 104 - Tel. 3771

— GAIA —

Rua Dezanove - Telef. 16

SABOARIA ATLANTICA

Rua 26 — ESPINHO

Cadinha & Couto

Armazenistas de Mercaria
Azeite, Cereais, etc.

RUA DEZOITO
Telefone, 52
ESPINHO

DIAS & IRMÃO, L.DA

Armazenistas — Mercaria fina

Unicos agentes oficiais do concelho
de Espinho dos Rádios PHILIPS

Rua 8 n.º 583
ESPINHO

ANTES E DEPOIS DO CINEMA VÁ AO

SOL D'OIRO

Cerpejaria, Café, Bar com
secção de Adega Regional

(PEGADO AO TEATRO S. PEDRO)
RUA OITO
(Caves da Sede do Sporting Espinho)

ARMAZÉM DE MERCEARIAS FINAS
— CHÁS E CAFÉS —
GRANDE DEPÓSITO DE CONSERVAS

TELEFONE N.º 37
APARTADO 37

União Comercial de Espinho, L.da

ARMAZENISTAS

FÁBRICAS DE:

TORREFACÇÃO E MOAGEM
LICORES E XAROPES
— UNIÃO —

Rua 19 — 409 a 421
ESPINHO

PADARIA PROGRESSO

DE

Manuel Maria Valente

DISTRIBUIÇÃO AOS DOMICILIOS

Fabrico esmerado de todas
— as qualidades de pão —

Telefone 6 - (PARAMOS)

SILVALDE

PADARIA MECANICA

A PÉROLA DE ESPINHO

— DE FARIA & IRMÃO —

Especialidade em pão sem fermento artificial, Pão francês de luxo,
bijou, etc. Fabrico esmerado e higiénico pelos mais modernos
mecanismos. A higiene é a divisa da Padaria «PÉROLA»

ENTRADA LIVRE

RUA 16 — 231 — Telefone 84 **ESPINHO**

FARINHAS, CEREAIS E MERCEARIAS
— VENDAS POR JUNTO —

Baptista & Oliveiras

Unicos representantes em Espinho de

Fábrica de Massas Alimenticias «Mila-
neza» SABOARIA DO BOLHÃO, L.da
Fábrica Portuguesa de Fermentos Ho-
landeses, L.da
ADUBOS «S. A. P. E. C.»

Telef. 21
gramas: FADINHA;
APARTADO, 5

Rua 62-ESPINHO

PADARIA PRIMOROSA

de - AFONSO FERREIRA GAIO

Pão de trigo e de milho — Especia-
lidade em fabrico de pão de milho

— ESMERO E ASSEIO —

Rua 14, 833 **ESPINHO**

TIPOGRAFIA PROGRESSO

Execução de trabalhos tipográficos
em todos os géneros

RUAS 11 E 20

ESPINHO

SÉ BOM SÓCIO
DA
ASS. ACADÉMICA
ASSINANDO O
Boletim

Boletim

SÉ BOM ASSINANTE
DO
Boletim
ANGARIANDO
ASSINANTES

DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

— É de todos os dias e de todos os lugares, o hábito da conversa e discussão à volta dos chamados «problemas locais».

Tal hábito, revela a acentuada tendência de todos os espinhenses em se interessarem pelas questões da sua terra, tendo cada um a sua opinião pessoal acerca do melhor modo de as resolver.

E a diversidade de critérios encontrados algum benefício traz para um melhor conhecimento das problemas em causa, pois permite apreciar os mais variados ângulos dos quais os mesmos podem ser encarados.

Cai-se, no entanto, muitas vezes no exagêro de discutir *todos os problemas e criticar todas as soluções*, ainda quando se trata de problemas ou soluções que não estamos habilitados a discutir ou criticar.

Tal defeito, resulta em primeiro lugar de se considerarem «*problemas locais*». todos os problemas que interessam à localidade, quando afinal, muitos deles são a parcela local de problemas gerais cuja solução só pode ser encontrada dentro de planos que o Estado se encarrega de criar e realizar. Quanto a esses, a discussão terá de ficar restrita somente a averiguar qual o seu grau de urgência e quais os meios necessários e suficientes para sua cabal resolução.

— É por exemplo o caso do Problema da Assistência, de solução englobada no plano geral que o Estado põe actualmente em execução.

— Todos sabemos evidentemente, que tem de haver uma participação local nos encargos inerentes à solução adoptada e todos os esforços terão necessariamente de convergir no sentido

INTERESSES E PROBLEMAS LOCAIS

de obter aqueles meios suficientes para garantir essa participação.

— A discussão só incidirá então sobre o maior ou menor *interesse* que Espinho põe na realização da sua cota-parte da tarefa.

Mas outros problemas há, *típicamente locais*, cuja resolução não se pode encontrar já planificada, quer pela sua singularidade (como o Problema da Defesa da Praia) quer pelo conjunto especial de *factores locais próprios* (como o Problema do Turismo, o projecto de Urbanização, a questão desportiva, etc...).

— O problema da Defesa da Praia, é essencialmente técnico e só pode ser resolvido por técnicos. As opiniões dos leigos, afora a maior ou menor parcela de bom senso de que podem ser acompanhadas, pecam pela ignorância das premissas reais da questão e de muitos elementos a ter em conta na busca dumã solução definitiva.

Confiemos portanto nos técnicos, já que só eles poderão resolver cabalmente tão delicado e complexo problema.

Porém, as outras questões apresentadas, são de solução mais ou menos empírica e a procurar de acordo com factores caracteristicamente locais é de fácil conhecimento.

Nesta ordem de ideias, julgo

que uma análise, quer desses factores e do estado actual dos problemas, quer do modo como se encaminha ou assegura a sua resolução, poderá ter alguma utilidade.

Claro que esta análise está já feita, sem dúvida. Mas é humano cometer omissões e desprezar elementos considerados às vezes de menos importância e dos quais poderá vir a despender afinal o equilíbrio e justeza da solução escolhida.

E todos estarão de acordo em que, pela sua acuidade e interesse imediato, poderá figurar em primeiro lugar o *problema do turismo local*, já que Espinho se considera muito justamente uma estância de turismo de 1.ª classe.

No próximo número do «Boletim» iniciaremos a análise deste problema, a qual terá de englobar os pontos seguintes:

— Quais os valores turísticos que Espinho oferece aos seus visitantes eventuais ou periódicos.

— Como se não faz e pode fazer a propaganda desses valores.

— Como será possível melhorá-los e ampliá-los, e sobretudo, como se não faz e se pode fazer a sua boa coordenação.

A. Nunes das Neves

CRÍTICA SOCIAL

Saia a Saia!

Deixemo-nos de coisas, Sr. Rei sem Reino. Não posso divagar, que o espaço é preciosíssimo. Longe de mim afirmar que as saias compridas, por si sós, dêem virtude à Mulher. Afirmando, apenas, que as saias curtas representam um índice da moderna civilização materealismo utilitária, expressa em Arquitectura pelo estilo «caixa de fósforos», em Arte pela Arte Social, em Filosofia pelo Pragmatismo de William James. As ideias dominantes numa época, a concepção de vida, reflectem-se em todas as manifestações humanas. A moda que você defende nasceu sob o signo do *prático*, da emancipação feminina, do divórcio, das «garçonnes», do «glamour», do «sex-appeal», das «pin-up-girls», calão fino, etc. As saias mais ou compridas não impedem de fazer tolices e entregar-se à devassidão. Se amanhã as mulheres andarem mas, isso não anula a pouca-vergonha de muitas que hoje trazem saia. Mas o uso hodierno da saia indiea que hoje a concepção de vida ainda não permitiu o des-pudor de andarem mulheres nuas, com uma naturalidade de... provocar suores... Quanto à «Escola de Sereias», confesso que não vi o filme. Pelo que me contam, porém, já vi coisas semelhantes. E concordo, sim senhor, que a Ester é mulher boa, boa, boa; que é uma autêntica faca; que é uma fêmea bestial; que é em trajes paradisícos faz tonturas e derrete o sol; etc., etc. Admitindo excepções, concedo que a Mulher seja tão doce, no amor carnal, como outrora, mas cada vez

Continua na pág. 3

COLHETIM MENSAL

Por: José Côté-Real (PEPE)

QUE ISTO DE SER-SE...

POUCO EXPANSIVO...

O homem silencioso, tímido, introspectivo e introvertido é o eterno enigma do seu irmão; o homem. O homem que não fala, que não opina, que escuta e olha, sente e não se manifesta é um eterno mistério. O homem que não fala pode ser ignorante mas não diz asneiras... daqui o considerarem-no sábio, filósofo ou génio irrevelado. O homem tímido, que não sai dos limites estreitos do seu mundo, é para outros homens como que um pequeno

Deus, que se teme porque se ignora, que se respeita, porque se teme. O introvertido tende para o egocentrismo. Afastado do mundo dos outros homens, sem força para romper as barreiras psíquicas que o afastam deles, acaba por se habituar a respirar a sua própria atmosfera, a ser o único confidente de si próprio, o único conselheiro de si mesmo. O que muitos consideram um complexo de inferioridade transforma-se numa vontade egoísta de imprimir ao Universo o mesmo figurino. Os homens habituaram-se a respeitar o desconhecido e a desconsiderar o vulgar. O homem que a camarada dificilmente é admirado porque é conhecido nas suas multiplas facetas espirituais; o homem que se isola, se afasta, se encafua em si mesmo, pode ser invejado mas nunca desprezado. O homem expansivo é um homem perdido.

Conheci um homem que não tinha amigos nem conhecidos. Vivia numa casa a que não iam visitas. Não falava com ninguém. Atravessava as ruas sem dirigir u a saudação ou uma palavra. Recebia, apenas, uma enorme correspondência e enviava diariamente um telegrama. É um sábio, diziam uns. E olharam-no com respeito. É um político exilado, diziam outros. E admiraram-no. É um escritor, afirmavam outros. E quasi lhe mendigavam um

cumprimento. A fama do desconhecido aumentou. Criou-se uma lenda, um romance, em torno da sua pessoa. Um dia chegou a policia e levou-o. Era um assassino. Esta anedocta ou fabreta tem certa filosofia. O homem na realidade vale pelo que parece e não pelo que é. A opinião pública é mulher e portanto crente e leviana. Se olhados à vossa volta verificareis que não minto: O homem que pouco se expande é o que mais se respeita, porque se lhe ignoram defeitos e virtudes. O médico que à cabeceira do doente confessa a sua ignorância está perdido; o que se cala tem à sua volta a confiança e a esperança. O advogado que confessa ao cliente a inutilidade duma causa é ouvido com descrença; o advogado que se cala é porque medita ou tem um trunfo que só ele conhece. Na vida não há actos; há atitudes. Estas ofuscam a realidade. Se querem merecer o respeito do mundo calai-vos e isolai-vos. O pior... é que nem toda a gente pode ou gosta de estar calado.

